





LITTLE HAVANA

A Velocidade do Amor



ANA PATRÍCIA

Título Original: Little Havana – A Velocidade do Amor

Autora: Ana Patrícia

Copyright © Ana Patrícia

Copyright © Editora Nova Geração

Coordenação Editorial: Tânia Roberto

Edição: Ana Margarida Caçador e Tânia Roberto

Revisão: Vânia Leite

Pós-Paginação: Rosalina Marques

Coordenação de Marketing: Iara Andrade

Paginação: Tânia Roberto

Design de Capa: Aléxia Oliveira

1º Edição: março de 2025

Acabamento/Impressão:

© 2025

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

[Instagram.com/editoranovageracao](https://www.instagram.com/editoranovageracao)

[Facebook.com/editoranovageracao](https://www.facebook.com/editoranovageracao)

Depósito Legal: 543336/25

ISBN: 978-989-9256-08-8

NG
Editores
Nova Geração

Para ti, que sonhas.
Para ti, que idealizas.
Para ti, que vives.



A BANDA SONORA DE OLIVIA E JAMES

Despechá - Rosalía
Provenza - Karol G
Havana - Camila Cabello (feat. Young Thug)
Starboy - The Weeknd & Daft Punk
Whatever It Takes - Imagine Dragons
Midnight Sky - Miley Cyrus
I Hate the Way - Sofia Carson
Bad At Love - Halsey
Die For You - The Weeknd
Escuro - Diogo Piçarra
Tattoo - Loreen
Wildest Dreams (Taylor's Version) - Taylor Swift
Until I Found You (with Em Beihold) - Stephen Sanchez
Angel Baby - Troye Sivan
Creepin' - Metro Boomin, The Weeknd, 21 Savage
Car's Outside - James Arthur
La Bachata - Manuel Turizo
Carita de Inocente - Prince Royce
Si Antes Te Hubiera Conocido - Karol G







CAPÍTULO 1

OLIVIA

Em diferentes momentos da minha vida, fiz escolhas com base naquilo que esperavam de mim. Provavelmente, tal como muitas das pessoas à minha volta e todas as outras que passeavam por Ocean Drive. Foi quando percebi isso, há dois anos, que comecei a tomar decisões que ninguém esperava que Olivia Garcia tomasse. Como, por exemplo, sair da faculdade. Deixar de parte a ambição de ter um curso superior em gestão e uma carreira estável como futuro. Uma estabilidade que eu não queria na minha vida, por não ser a realização do meu sonho.

Decidi aprofundar todos os meus conhecimentos em fotografia, aquela que sempre foi a minha paixão. Aprender os mais pequenos detalhes sobre ângulos, focos, luminosidade e tudo o que neste espetacular mundo existe. A minha família achou que iria perder tempo, mas eu sabia que, para o futuro que ambicionava, aquele era o caminho certo.

Aos vinte e três anos, quando deixei a faculdade, começar a trabalhar foi a única forma de conseguir sustentar a minha decisão e, desde há um ano, ganhar a minha total independência ao alugar o meu pequeno T0 no centro de Little Havana. Quando conheci a cidade, todo o movimento da Calle Ocho não me fascinava: a música alta a todas as horas do dia e a vida cubana no meio de Miami, mas, com o tempo, todas as rotinas e tradições da cidade passaram a fazer parte da minha pele. *Da minha família.*

— Olivia! — Com aquele seu sotaque cubano tão intenso, a Acindina caminhou na minha direção com um papel na mão.

Acindina, a mulher a quem todos recorriam para pedir ajuda, a mulher que procurava todos os vizinhos se não os visse por mais de um dia, que, assim que me viu, perdida na cidade, me deu o colo de uma avó e empregou na sua mercearia.

— *Hija mia!* — E a mulher que me tratava como sua filha. — *Mira.* — Passou-me o papel para a mão. PROCURAMOS FOTÓGRAFOS PARA EVENTOS PARTICULARES, estava escrito. — Vai experimentar. Eles estão a escolher trabalhos até ao final do dia. — ESTAREMOS A RECEBER PORTFÓLIOS NO *THE SETAI MIAMI BEACH*, ATÉ ÀS 18H. Talvez o hotel mais caro e o mais bonito de Miami.

— Não vou conseguir ir, Dina. — Vi as horas no relógio do meu pulso, percebendo que nunca iria conseguir chegar a tempo. — Já são quatro e meia, não vai dar tempo.

— Vai, sim! Corre! *Ahora!* — Rodopiou o meu corpo, desfazendo o laço do avental e puxou-o por cima da minha cabeça. — Pode ser a tua oportunidade. — Pousei as mãos sobre os seus ombros, dando-lhe um beijo na testa.

— Reze por mim.

— Vou acender uma vela. — Observei-a antes de sair, reparando que se preparava para acendê-la no pequeno altar com todas as santas a quem era devota, junto da caixa, e onde recorria quando precisava de rezar.

Corri pela minha vida. Literalmente. Porque, entre todos os transportes que precisava de apanhar até ao hotel, ainda teria de passar por casa para ir buscar o meu portfólio. E, para isso, tinha de percorrer metade da Calle Ocho — uma das maiores avenidas de Miami e o epicentro de Little Havana. Era a avenida com mais comércio, cor e, claro, corridas ilegais. O T0 onde vivia situava-se do lado oposto à mercearia da Dina e a quase treze quilómetros de distância do mar, onde realmente terminava a avenida.

Para me atrasar mais ainda, o portfólio não estava no sítio do costume.

— Claro que isto tinha de acontecer hoje... — Sentia que, quando voltasse a entrar em casa, iria desejar não ter feito o que fizera. Só encontrei o portfólio quando abri todas as gavetas da cómoda e percorri o roupeiro de alto a baixo. O que, para quem tinha um T0, implicava que, ao desarrumar o quarto, estava a deixar a casa inteira virada do avesso.

Voltei a sair, começando a caminhar na direção da paragem de autocarro mais próxima. Não ter a minha mota começava a deixar-me desesperada... *Luís Miguel, hoje vais ter de me ouvir.* Estava na oficina do marido da Acindina e a demorar mais tempo do que aquele que seria de esperar para uma simples mudança de corrente.

— Oli! — Assim que ouvi aquela voz, senti que quase me poderia ajoelhar e agradecer aos deuses. A mota vermelha parou à minha frente, acalmando o motor. — Onde é que vais? Não devias estar na mercearia? — Por norma, o Raul utilizava um dos seus muitos carros, mas também preferia a mota em muitas ocasiões.

— Devia — aproximei-me do Raul, colocando a mão sobre o seu antebraço —, mas a Dina viu uma oportunidade para fotografar num hotel e...

— Sobe. Eu levo-te. — Apertei-lhe o braço, subindo para a mota. — *Mi Oli.* — Ele colocou a mão na minha coxa, enquanto eu me tentava organizar com o portfólio na mão. — Vamos para onde?

— Para o *Setai*.

— Vais trabalhar para os ricos? — Riu-se, agarrou o guiador e acelerou. Depressa rodeei a sua cintura com o braço disponível, rezando para que o portfólio não voasse e se espalhasse em plena avenida.

O Raul era uma pessoa especial. Proibi-me a mim mesma de me apaixonar por ele, porque só iria trazer problemas à nossa relação. Conhecemo-nos quando eu estava na faculdade, já que o Raul trabalhava na cantina e era das pessoas com quem mais falava nas minhas horas de almoço. Sabia que estava apaixonado por mim. Porque era fácil ler-lhe os olhos, as palavras que usava comigo e a forma como me tratava. Era a ele que recorria quando mais precisava de ajuda, foi ele quem me ajudou a encontrar a minha casa e a obter um desconto especial por ser sua amiga.

À velocidade que o Raul conduzia, sabia que chegaria mais do que a tempo. Ainda assim, era difícil gostar daquela rapidez com que se deslocava na mota. Mesmo que eu também conduzisse, ele chegava a exagerar, inclusive em horas com muito trânsito, como era o caso.

O Raul tinha imensa segurança em cima da mota ou dentro de um carro, mas arriscava em cada curva, em cada ultrapassagem e em todos os sinais vermelhos. Não fosse uma das pessoas que mais desafiava a lei

na cidade. Conheci esta versão do Raul quando passei a conviver mais com ele, descobrindo o seu fascínio por todas as corridas que existiam em Miami. Era aquela parte dele que ansiava o risco, que corria atrás da adrenalina. Devia existir uma razão para que isso acontecesse, mas, ao longo dos últimos dois anos desde que estou em Little Havana, ainda não consegui conhecê-la. Foi essa intensidade que me conquistou e que agora desejava partilhar a seu lado.

Ao passarmos pela ponte que nos levava até Miami Beach, comecei a perceber que, se calhar, aquele não era um mundo para o qual eu estivesse preparada. Pelo luxo que se respirava naquele lado da cidade. De certeza que teria de lidar com pessoas que iam contra tudo aquilo que eu defendia. *Precisas de outro tipo de trabalho e de seguir o teu sonho, Olivia*, pensei. *Eu sei, mas também sei como é o meu temperamento.*

O Raul começou a abrandar e a grandiosidade do hotel fez-me estremecer. Era enorme. Era, provavelmente, um dos mais caros da zona e aquele com a vista mais incrível para o azul do mar e as areias brancas das praias.

— Oli! — Senti as mãos dele nas minhas pernas e respirei fundo. — *No tengas miedo.* — Com aquele seu típico carinho, tentou acalmar-me enquanto passava com a mão pela minha perna. — É uma oportunidade de começares a trabalhar naquilo que gostas de fazer. — Voltei a respirar fundo e, saindo de cima da mota, fixei o olhar no hotel. — São só uns ricos de Miami a quem vais ter de tirar fotografias. — Acabei por sorrir e voltei-me para ele. Já estava sem capacete e segurava todo o seu cabelo cor de caramelo, prendendo-o da forma mais desajeitada que sabia.

— Obrigada. — Aproximei-me do Raul, colocando a mão no seu rosto. O Raul era casa, acalmando-me quando mais precisava, e conseguia, sempre, aquecer o meu coração apenas com o olhar. — Fico a dever-te uma.

— Nunca ficarás a dever-me nada. — A mão dele voou até à minha cintura, puxando-me ainda mais para ele. — *Eres mi Oli.* Tudo aquilo de que precisares, serei o primeiro a estar a teu lado.

E eu sabia disso desde os primeiros dias em que nos começámos a relacionar mais, mas ficava sempre muito mais tranquila por saber que ele era das pessoas mais verdadeiras que eu conhecia.

— Fico à tua espera para te levar de volta...

— Não... eu não sei quanto tempo isto vai demorar...

— Eu espero — assegurou, dando-me um beijo na bochecha. — Vai e não te preocupes. — Assenti, começando a caminhar em direção à entrada do hotel. — *Baila con ellos*. — Aquela era, talvez, a expressão que ele mais utilizava e a que passei a adotar, talvez inconscientemente, em vários momentos da minha vida. Para se dançar são necessárias duas pessoas, mas só quando essas duas pessoas estão em sintonia é que algo bom e bonito acontece. Era isso que tentava fazer quando pensava naquela frase.

A entrada do hotel era majestosa. Os candeeiros eram todos eles cheios de cristais, ou uma imitação dessa pedra tão preciosa, e caíam do teto alto, o que lhes dava ainda mais imponência. Senti-me pequena e engolida pela grandiosidade e o luxo com que me confrontava. Era como se fosse uma intrusa num mundo que não era o meu. Ao mesmo tempo, sentia que era o momento que podia definir a minha vida dali para a frente.

— Boa tarde. — Dirigi-me à receção, tentando não me mostrar demasiado ansiosa ou nervosa.

— Boa tarde, bem-vinda ao *The Setai*. Em que a posso ajudar? — Parecia que a rececionista à minha frente era uma hospedeira de bordo, devido ao uniforme muito estruturado, os botões dourados e a postura que tinha.

— Vi o vosso anúncio, em que estavam a receber portfólios fotográficos hoje...

— Sim, claro. — Colocou uma folha em cima do balcão. — Preciso que preencha este formulário e se dirija àquela sala. — Apontou para uma porta à minha esquerda. — Estarão lá a avaliar os portfólios.

— Muito obrigada.

Sentei-me num pequeno sofá que ali estava vazio, começando a preencher todas as informações pedidas e sentindo a mão demasiado trémula. Desde dados pessoais a gostos enquanto fotógrafa, e, assim que terminei, encaminhei-me à porta. Depois de dar uma leve batida, abriram-ma.

— Boa tarde. — Um homem mais velho cumprimentou-me.

— Boa tarde.

— O seu portfólio, por favor. — Entreguei-lho, bem como à folha que preenchi. — Poderá aguardar aqui, nesta sala de espera. — Já lá se encontravam várias pessoas à espera. — Quando for a sua vez, iremos chamá-la.

— Muito obrigada.

Não estava à espera de que fosse passar por uma espécie de audição. Muito menos naquela área. Estava habituada a ter uma reunião com as pessoas que estavam à procura do meu trabalho e falar sobre o meu estilo de fotografia. Contudo, aqui, alguém iria avaliar as minhas fotografias sem me conhecer. E só esperava que isso não me prejudicasse.

Quem não me conhecesse, ao percorrer o meu portfólio, poderia ficar com uma ideia bastante distorcida daquilo que era capaz de fazer. Interessava-me mais pela fotografia escura. Em obter as silhuetas das pessoas, dos edifícios, do mar e da natureza através da escuridão. Não que não amasse a cor, mas porque sentia que o lado mais escuro numa fotografia lhe dava mais intensidade.

— Olivia Garcia. — Da porta de vidro de correr, de onde entravam e saíam várias pessoas, apareceu a mulher que estava a chamar-nos.

— Sou eu. — Levantei a mão no ar, quase como se estivesse na escola.

— Acompanhe-me, por favor. — Levantei-me da cadeira, caminhando atrás dela. Ao passar pela porta de vidro, o ambiente tornou-se muito mais leve. Pelo corredor, do meu lado direito, havia uma janela que percorria toda a parede e que tinha vista para um pequeno recanto com plantas e flores. — Entre, por favor.

— Obrigada.

Ao entrar, deparei-me com uma mesa-redonda de vidro, no centro da sala, e, ao fundo, uma bancada que percorria toda a dimensão da parede. Junto da máquina do café estava um homem. Jovem, mas com o típico ar de quem desempenhava um cargo importante dentro do hotel. Usava um fato azul-escuro e, apesar de se notar que o cabelo tinha algum volume, estava bastante penteado, de um tom castanho, não muito escuro, e com uns pequenos laivos de louro.

— Café, Olivia? — Voltou ligeiramente o tronco na minha direção, mostrando-se ser um homem bastante atlético e com uma estrutura facial muito bem definida, a barba não muito grande. O típico menino de Miami.

— Sim, obrigada. — Não sei o que me deu para aceitar, já que não tinha por hábito beber café.

— Sente-se, por favor. — Caminhou na direção da mesa, colocando o café à frente do lugar que eu tinha acabado de ocupar. — James Colter. — Esticou a mão na minha direção e depressa apertou a minha.

— Olivia Garcia. — Ele sorriu, sentando-se na cadeira oposta à minha. O meu portfólio estava à sua frente, fechado e com uma folha amarela pousada em cima.

— Sou eu quem tem estado a analisar os portfólios submetidos até ao momento. — Ia começar a mexer o café, mas senti um enorme arrepio a percorrer-me a espinha ao perceber que o momento era mesmo formal. — Eu faço parte do conselho diretivo do *The Setai*. — Naquele momento, eu só esperava que o meu rosto não estivesse a demonstrar a surpresa que me atingiu. — Responsável pelo marketing e comunicação. — Assenti, tentando manter-me focada no que ele dizia. Mesmo que os seus olhos verdes fossem uma distração. *E ele não desviou o olhar do meu, piscando-os tão poucas vezes.* — Estamos à procura de alguém para trabalhar diretamente connosco. Precisamos de mudar a imagem do hotel e, com isso, trazer conteúdos de imagem diferentes. Modernos. — Baixou o rosto, abrindo o portfólio. O maxilar dele era bastante definido e forte e, mesmo com aquele fato azul-escuro vestido, era perceptível que a zona dos ombros era bem musculada. — O trabalho da Olivia é diferente. — Encarou-me e eu acabei por beber um pouco do café. — Há quanto tempo trabalha na área?

— Devo ser honesta consigo. — Pousei a chávena, aproximando-me mais da mesa. — Trabalhos enquanto fotógrafa fiz apenas dois. O que aí vê relativamente à sessão de maternidade e as fotografias do campeonato de boxe.

— Não exerce profissão enquanto fotógrafa?

— Infelizmente, ainda não. Abdiquei dos estudos para seguir este sonho e, neste momento, estou a dar o meu máximo neste novo percurso.

— Muito bem. — Reparei que ficou mais pensativo, folheando o portfólio. — *Qual é o seu maior sonho, Olivia?* — A voz saiu-lhe quase em sussurro, mas assim que me olhou, senti que fora atingida por um raio. Não me lembrava se alguma vez me tinham feito esta pergunta, pelo menos de forma tão direta. Fi-la várias vezes a mim

mesma, por necessidade de me conhecer melhor, mas ser um completo estranho, e numa entrevista para um possível projeto, era uma sensação avassaladora.

— Quero fazer da fotografia a minha vida. Expor os meus trabalhos e abrir o meu estúdio para poder dar aulas, em Little Havana. — Ele sorriu, voltando a observar as fotografias.

— É cubana?

— Não. — Tornou a olhar para mim. — O apelido, em tempos passados, deve ter sido de descendência latina, mas vivo em Little Havana e sinto que estou a criar uma costela cubana.

— Eu confesso que estou habituado a imagens com mais cores e pensava em algo assim para o hotel. — Continuava a folhear o portfólio, demasiado atento e pensativo. Até que ficou em silêncio, fixado nas fotografias que eu tinha tirado a mim mesma, sem que se conseguisse ter a perceção de que era eu quem nelas estava. Tirei-as sozinha, na minha casa, com a luz do pôr do sol a incidir sobre a parede em cima da cama, e eu, despida sobre ela. — Vou ter de pensar mais sobre o assunto, porque é um trabalho muito diferente. — *E quando é diferente...* as pessoas estranham sempre o que é diferente. De certo modo, compreendia que, se calhar, para imagens institucionais do hotel, o meu trabalho não era o mais adequado. — Vou ter de pensar. — Fechou o portfólio, esticando-o na minha direção. — Poderá esperar uma resposta até amanhã, se for negativa enviaremos um *email*.

— Ao menos isso. — Percebi que os meus pensamentos me traíram e me saíram disparados pela boca, dado o ar surpreendido do homem à minha frente. — Há empresas que não respondem a ninguém e isso, de certa forma, é uma falta de respeito. — Lá estava eu. A ser uma pessoa impulsiva e com aquilo que sentia bem na ponta da língua.

— Espero que seja assim em tudo na sua vida, então. — Levantou-se, esticando o braço na direção da porta. — Obrigado por ter vindo.

— Obrigada pela oportunidade. — Se, antes de ter a entrevista, tinha pouca esperança de conseguir o trabalho, depois dela, não tinha nenhuma.



CAPÍTULO 2

OLIVIA

Criar expectativas deixara de ser algo que fizesse. Aprendi, talvez cedo demais, que não deveríamos esperar grandes gestos do ser humano que vivesse em sociedade conosco. Até as poderia criar e viver com aquela esperança de que, quando acordasse no meu dia de aniversário, teria uma festa surpresa. Ou ter um namorado capaz de me surpreender e me levar a ver o pôr do sol no topo de uma colina ou em cima do capô de um carro. Deixara de ser essa pessoa que espera algo dos outros. Hoje, decidi não esperar. Aprendi a agir por vontade própria e a traçar o meu caminho, mesmo que isso significasse seguir sozinha. Afinal, é na solidão que, muitas vezes, descobrimos a nossa verdadeira força.

E era isso que fazia quando ia a reuniões como aquelas que tivera há dois dias. Não criei a expectativa de que viesse a receber uma resposta positiva, porque não queria alimentar a ideia de poder vir a trabalhar na área que mais amava. Só que nem a negativa recebi, tal como fora prometido.

— *Hija!* — A Dina apareceu junto da arca dos congelados que eu estava a repor. — O Raul passou aqui e deixou-te isto. — Um Envelope Preto... *era tudo o que eu precisava.* — Tem cuidado, Oli. — Agarrou-me a mão quando segurei o envelope, olhando-me com aquela sua preocupação tão típica. — Tu és tão novinha e o Raul... ele não é boa influência para ti.

— Dina. — Pousei a mão livre em cima da dela, aproximando-me do seu corpo. — O Raul é o irmão que eu nunca tive... — Aquela era a mais

pura das verdades. O amor que sentia por ele devia ser aquele que mais se assemelhava ao que uma irmã sentia pelo irmão mais velho. — E eu já não sou uma adolescente, nem aquela Olivia que chegou aqui há um ano.

— *Lo sé, pero...* — A Dina ia começar a enumerar as mil razões pelas quais não deveria abrir aquele envelope, ou tudo o que me poderia acontecer de mal numa corrida. — Não posso mesmo convencer-te a deixar isso, pois não? — Acenei negativamente.

Comecei a acompanhar o Raul em corridas ilegais ainda antes de ali ter começado a viver, tornando-se algo que mexia com cada partícula do meu ser. Pela adrenalina que a velocidade daqueles carros me dava, pela forma como sabiam que eu fazia parte daquele ambiente, apenas, por ser a rapariga pela qual o Raul apostava.

— O Luís Miguel também era assim... — Suspirou ao falar do marido. — Mas hoje em dia é tudo tão perigoso... Não é só uma questão de ver quem é que tem o melhor carro.

— É verdade. — E quantas vezes já não tínhamos sofrido por ser, realmente, mais do que uma simples corrida. — Mas eu também não o consigo deixar sozinho. — E essa era a segunda razão pela qual aceitava os envelopes pretos. Ao estar no mesmo carro que o Raul, sabia que ele conduzia com outra prudência e, sempre, com os seus olhos postos em mim.

Existiam vários tipos de corrida em Miami. Já tinha ido com o Raul às mais típicas, em que ele apostava dinheiro, e outras em que o carro que usara era a sua aposta. Contudo, as do Envelope Preto eram completamente diferentes. Se hoje houvesse uma, eu teria de lá estar. Porque se eu não fosse, ele arranjaría outra pessoa com quem ir e já não iria ter o mesmo cuidado. Seria aquele Raul que já sofrera dois acidentes gravíssimos e quase morrera num deles.

— Olha o telemóvel! — gritou a Acindina, quando já se encontrava junto da caixa registadora. Caminhei em passos largos até chegar perto dela, recebendo o meu telemóvel das suas mãos.

— Bom dia — disse ao atender. O número de telemóvel não estava registado nos meus contactos, pelo que poderia estar, apenas, a perder tempo com publicidade.

— *Olivia, daqui fala James Colter.* — E fui arrebatada por uma surpresa avassaladora ao atender a chamada. — *Peço-lhe desculpa por não*

termos dado qualquer resposta no tempo devido. A minha assistente não conseguiu fazê-lo com tudo o que tem para fazer. Claro que acabou por atrapalhar tudo — disse-o com um tom de acusação e quase que conseguia imaginar a pessoa em questão à sua frente. Era sempre tão bom quando existiam outras pessoas para culpar, quando se podia ser, apenas, sincero e dizer que não queriam nada com o meu trabalho.

— Não tem problema, eu compreendo.

— *Eu gostava de me voltar a reunir consigo.* — Houve uma súbita mudança no tom de voz, sendo bem mais doce do que antes. — *Eu tinha dúvidas, mas falei com algumas pessoas que trabalham na mesma área e consegui ver para além do que tem no seu portfólio.* — Senti o coração a palpitar. Aquilo significava que podia haver uma certa esperança. — *Acha que podemos voltar a reunir, hoje?*

— Claro que sim — respondi num ápice, com uma pressa imensa que, de certeza, me fizera parecer desesperada.

— *Quero que venha almoçar comigo, ao hotel.* — E quem era ele para querer alguma coisa? Todos os músculos do meu corpo endureceram, com uma enorme vontade de lhe dizer isso mesmo.

— Só posso entre as duas e as três, que é a minha hora de almoço no trabalho atual que tenho. — A Acindina começou a gesticular, dizendo-me para ir quando quisesse, mas houve qualquer coisa naquele «quero» que me soou a autoridade e imposição. E eu odiava a típica mania dos novos-ricos, ou daqueles que se tentavam tornar ricos, de imporem algo para com aqueles que poderiam vir a trabalhar com eles.

— *Hum.* — Será que o deixara desconfortável? Ou, apenas, acabara de atirar a minha oportunidade para o lixo? — *Combinado.* — O ar saiu-me pela boca com uma força enorme e um alívio invadiu-me o peito. — *Venha ter comigo a essa hora. Irei deixar a indicação na receção de que tem um compromisso comigo.* — E lá estava, outra vez, aquele tom. Qual era a necessidade de estar a frisar tudo aquilo?

— Com certeza. — Mordi a bochecha, controlando-me para não dizer algo de que me pudesse vir a arrepender.

— *Cá a espero.* — E, sem que eu pudesse responder algo do género, percebi que a chamada tinha terminado.

— Que otário! — gritei para o telemóvel, fazendo com que a Acindina se começasse a rir.

— E esse otário tem nome?

— John, ou James, já nem sei. — Aproximei-me dela, voltando a colocar o telemóvel a carregar. — É o diretor de um departamento do hotel.

— *Que bueno!* — A felicidade dela era bastante notória e, por momentos, até eu fiquei com mais esperança. — Porque é que não pareces assim tão feliz?

— Porque ele é demasiado autoritário. E faz questão de ser explícito quanto a isso. — Debrucei-me sobre a bancada, olhando-a. Ela tornou a rir-se, abanando a cabeça.

— Não entres a pés juntos. — Fitou-me, mantendo aquele sorriso nos lábios. — Pode ser a tua grande oportunidade.

— Eu sei... — E deve ter sido apenas isso que me fez ir almoçar com ele.

O meu telemóvel voltou a tocar, com sinal de uma mensagem. Era o número dele, mais uma vez.

Traga a sua máquina fotográfica.
Preciso de a testar.

Precisa de testar o quê? Os meus conhecimentos de técnicas de fotografia? *Terá ele conhecimentos nessa área?* E os nervos instalaram-se em mim, assim, num estalar de dedos.



Já não me recordava do frio na barriga que a grandiosidade do hotel me fazia sentir. Sobretudo ao perceber que iria almoçar com uma pessoa importante. Estava a usar os meus *Vans* pretos e umas calças *mom jeans* com alguns rasgos. *Que bela primeira impressão, não haja dúvida.* Não era a primeira, porque ele já me tinha visto, mas ainda assim. Ao menos estava a usar uma camisa branca... *Olivia, calma!*

— Boa tarde. — Dirigi-me à receção. — Eu tenho um compromisso com... — *Caramba, eu nem o nome dele decorei.*

— O senhor Colter? — Devia ser isso... esperava eu.

— Sim — respondi, pouco segura de que seria esse o apelido.

— Ele já se encontra à sua espera, pode subir até ao último piso.
— Agradei, com a esperança de que não fosse encontrar uma pessoa completamente estranha.

Subi até ao quadragésimo andar, parando duas vezes no caminho para que pessoas entrassem e saíssem. Assim que o elevador parou no último andar e as portas se abriram, depressa percebi que era a *penthouse*. *Merda*. Eu estava demasiado mal vestida para um tipo de reunião como aquela. Fiquei parada em frente às grandes portas douradas, respirando fundo antes de aproximar a mão da porta.

— Vai correr tudo bem, Olivia. Calma, respira — falei comigo mesma, numa clara tentativa de me acalmar e, mesmo antes de conseguir fazer algo, a porta do meu lado esquerdo abriu-se.

Não me lembrava dele assim. O rosto continuava a surpreender-me, de tão definidos que eram os seus maxilares, mas não me lembrava de que o seu cabelo tinha pequenas madeixas de um tom mais claro do que aquele castanho de que me recordava. Ou será que tinha reparado e estava só a admirá-lo de forma estranha, com a luz que vinha por detrás dele? *Olivia! Para com isso!*

— Olivia. — Ele abriu a porta na totalidade, dando-me passagem. — Bem-vinda ao *The Setai*.

— Obrigada. — Engoli em seco ao entrar na *penthouse*. Fui confrontada por enormes janelas e uma vista privilegiada sobre Miami Beach, sendo que todo o meu apartamento caberia, apenas, naquela entrada.

— Esta é a *penthouse* do hotel e, atualmente, a minha casa. — Passou por mim, aproximando-se da janela. Estava mais descontraído do que no dia da reunião, usando ainda umas calças de fato pretas bem vincadas e uma camisa branca. E eram tão perceptíveis os músculos que existiam por debaixo dela... Não eram exagerados, como os da maior parte dos homens que viviam daquele lado da cidade, mas tinham uma definição que, vista assim, se tornava demasiado tentadora para fotografar. — Vamos almoçar lá fora, é mais agradável. — Voltou-se para mim, começando a dobrar as mangas da camisa, com os seus olhos presos nos meus. — Zona privada. — Apontou para a minha esquerda. — Com cinco quartos. — *Por que raio uma única pessoa precisa de cinco quartos?* — E zona social. — Apontou para a minha direita, fazendo-me encará-lo novamente. — Todas as suites dos

últimos cinco andares se dividem assim. Quando começar a trabalhar, serão estes pisos que precisaremos que fotografe primeiro. — *Como assim!?* Começou a caminhar para a zona mais social, fazendo com que os meus pés ganhassem vida própria e seguissem atrás dele.

— Mas... não tinha dúvidas?

— Tinha, já não as tenho. — Ele parou junto da bancada da cozinha, que a separava da enorme sala de estar, ficando a olhar-me. — Aceita uma bebida?

— Não, obrigada. — Ele assentiu, continuando a caminhar para o exterior.

Assim que passei a enorme porta de vidro, o sol quente arrepiou-me de imediato. Estava um dia incrível e, a conjugar com a vista panorâmica sobre a praia, esperava que fosse o bom presságio de que eu precisava para aquele almoço. Reparei na piscina e no jacuzzi que existiam do meu lado esquerdo, com longas espreguiçadeiras de madeira e almofadas brancas em cima. Era mesmo um sítio que em nada tinha a ver comigo, mas que me enchia o olho, de certa forma.

— Tal como no interior, também aqui há uma certa divisão de áreas. — Captou a minha atenção, fazendo-me virar para ele e perceber que já estava junto do bar que ali se encontrava. Com uma mesa preta em frente, e cadeiras grandes de jardim, ficava assim composta aquela que era a maior varanda que eu já vira na minha vida. — Quero que trabalhe connosco. — E lá estava aquele querer. Havia sempre demasiado querer quando falava comigo e sabia que não conseguiria esconder o quanto isso me enervava.

— E se eu, por alguma razão, não concordar com as condições...?

— Ele sorriu sarcasticamente. Era incrível como dava para perceber perfeitamente a sua expressão naquele momento.

— Gosta assim tanto do trabalho atual que tem para não querer fazer da fotografia a sua vida? — Porque é que eu estava a sentir que, naquele momento, ele estava a desafiar-me?

— Por acaso, gosto. — Comecei a dar pequenos passos na sua direção, já que estava do lado de dentro do bar e a preparar algo para comer. *É um bocado surpreendente que não venha o serviço de quartos trazer a comida.* — Além do mais, tinha dúvidas sobre o meu trabalho.

— É verdade. — Apontou para a cadeira alta à sua frente. — Fique à vontade. — Coloquei a mala da máquina fotográfica em cima do sofá preto, dirigindo-me à cadeira. — Eu quero arriscar. Eu preciso de ter algo de único no meu departamento, que me dê a possibilidade de pertencer ao conselho administrativo...

— Lamento informá-lo, mas eu sou uma pessoa. Não algo que se use. — *Olivia, tu não devias ser assim com as pessoas que te estão a dar uma oportunidade de trabalho.*

— Tem razão. — Colocou um prato com pequenos folhados em cima da bancada e, logo de seguida, uma taça com batatas fritas. — Carne com queijo, segundo me disseram. — Claro que ele não teria cozinhado de propósito para este almoço. — E o seu contrato. — Colocou uma pasta ao lado do prato, ficando a olhar-me com as mãos apoiadas na bancada. — Poderá lê-lo quantas vezes quiser, mas eu preciso de uma resposta até ao final do dia. — Assenti, comendo um dos folhados.

— Relativamente ao teste que quer fazer... — comecei por dizer, depois de mastigar, percebendo que ele também já o fazia.

— Temos luz e espaço, a Olivia trouxe o material. — Apontou para a mala. — E o hotel precisa de fotografias novas dos funcionários. — Indicou-se a si mesmo com um leve movimento. — Acho que pode começar o seu trabalho comigo. — Engoli em seco, voltando a dar uma dentada no folhado e assentindo. — Vamos começar, então. Só tem mais meia hora de almoço, correto? — Olhou para o relógio no seu pulso. Eu não fazia ideia. Estava apenas a olhar para ele e a imaginar tudo aquilo que poderia fotografar, tendo em conta a sua imagem.

Levantei-me da cadeira, indo preparar a máquina fotográfica. O sol estava demasiado intenso, o que era um desafio enorme para mim, que estava habituada ao escuro. Poderia sugerir que as fotos fossem tiradas num dos quartos, mas este trabalho exigia outra abordagem — menos liberdade, mais precisão e criar imagens mais alinhadas com a identidade visual do hotel. Poderia sugerir que as fotos fossem tiradas num dos quartos, mas aquele trabalho exigia outra abordagem — menos liberdade, mais precisão e criar imagens mais alinhadas com a identidade visual do hotel. Analisei tudo à minha volta, encantando-me com as sombras que as duas vigas de betão projetavam por cima da piscina.

— Acha que pode sentar-se ali? — Apontei para o jacuzzi, já que o mármore também poderia dar um toque especial às fotografias. — No canto mais próximo da piscina. — Ele apenas caminhou na direção do local que lhe indicara. Segui-o e posicionei-me no canto da varanda. Esqueci-me de onde estava, sentindo apenas o sol quente a bater-me nas costas e a abraçar-me de forma a dar-me a coragem para estar ali. Com a máquina fotográfica nas mãos, sentia-me sempre tranquila, mas, hoje, havia um enorme borbulhar de sensações e emoções por todo o meu corpo.

— Tem de me ajudar com o que é que devo fazer. — Estava a preparar as configurações da máquina fotográfica, quando olhei pelo sistema de visão e os seus olhos estavam postos em mim.

— Não se preocupe. — Voltei a observá-lo fora da máquina fotográfica, percebendo que a luz do sol lhe embatia na face, iluminando-o de uma forma ainda mais especial. — Seja o mais natural possível. Olhe para o mar e faça de conta que está a apreciar a vista, ou aprecie-a mesmo. — Começou a fazê-lo e, assim que comecei a dar os primeiros disparos, ele depressa começou a mover os braços. *Agora, estás tu na tua zona de conforto e ele desconfortável.* Assim que me encarou, enrugando a testa, e colocou a mão à frente do sol que lhe batia diretamente nos olhos. *Clique.* — Não olhe para mim. Pode distrair os fotógrafos quando não é esperado. — Esboçou, provavelmente, um dos mais doces sorrisos que poderia ter, desviando um pouco o seu olhar da objetiva. *Clique.*

— Que idade tem, Olivia? — Aproximei-me mais dele, tentando um ângulo diferente e, por isso, acabei por me sentar na berma do jacuzzi.

— Vinte e cinco — respondi, e ele voltou a olhar-me. — Para quem precisava de ajuda com o que devia fazer, começa a estar demasiado à vontade, não acha? — *E tu também.*

— Parece que não sou o único. — Ele não retirou os olhos da objetiva e, de certa forma, também não me apeteceu pedir-lhe que fizesse outra coisa. Deslizei sobre o mármore, de forma a aproximar-me mais dele.

— Olhe em frente — pedi. — Por favor —, após uma pausa, acrescentei, de forma a não mostrar o quão mandona acabava por ser quando me deixava envolver numa sessão fotográfica. A estrutura facial dele era fascinante e, com as sombras por detrás da sua figura, ainda se tornavam mais definidas.

Voltei a aproximar-me dele, sentindo o rabo a sair da zona do mármore e a querer cair para dentro do jacuzzi. E, numa questão de segundos, tinha aquele que iria ser o meu patrão a escassos milímetros de mim, com os maxilares cerrados, pela força que fazia para me impedir de cair na água, enquanto segurava na minha máquina fotográfica.

— Não me ponha em despesas logo no seu período experimental. — A sua respiração batia contra o meu rosto, enquanto o braço que rodeava a minha cintura fazia força para me sentar como deve ser.

— Obrigada. — Ele assentiu e, depois de me entregar a máquina, levantou-se.

— A sua hora de almoço terminou. — Olhei para o meu relógio de pulso, percebendo que eram três da tarde. — Não se esqueça de me dar uma resposta até logo à noite.

Assim que me levantei e me voltei para onde achava que ele estaria, já não havia qualquer sinal da sua presença. Tinha o coração a bater demasiado rápido, com a certeza de que não fora por quase ter caído dentro do jacuzzi.



— *Dio mio, mami!* — Tinha acabado de chegar ao local da corrida, de mota, parando-a ao pé do carro do Raul. Havia duas versões de mim mesma: aquela que, durante o dia de trabalho, usava a roupa mais confortável do mundo e a que vinha às corridas. Hoje, por ser uma corrida do Envelope Preto, ainda tive de abusar mais na escolha de roupa.

Escolhi uma minissaia de cabedal preta, usando um *body* de renda vermelho e com um decote bastante profundo. Retirei o casaco de cabedal ao sair da mota, baixando-me para atar os atacadores das botas de verniz e salto agulha que tinham saído enquanto conduzia.

— Desculpa o atraso. — Coloquei o casaco na parte de trás do carro dele, recebendo o braço do Raul em torno do meu corpo. Estava, como sempre, com uma camisola de manga curta preta, umas calças da mesma cor e o seu cabelo preso.

— Chegaste mais do que a tempo. — Depositou-me um beijo na testa, soltando-me.

Nestas corridas havia, sempre, muito mais do que dinheiro em jogo.

Eram os estatutos dos grupos que se opunham, eram os carros... eram as raparigas. *Era eu*. E perguntava-me: haveria necessidade disso? Não. Se gostava? Demasiado.

— Quem é que é hoje? — perguntei, sentando-me em cima do capô do carro.

— Finalmente, o líder do *Suits*. — Respirei fundo. Era dos grupos que mais estava a perder naquelas corridas e, para vir o seu líder, era sinal de que algo poderia acontecer. As pessoas não pareciam mais agitadas do que o habitual, fazendo-me observar tudo à minha volta e perceber que estaria sempre no meio de pessoas que me eram familiares.

Até que começou um enorme frenesim à nossa volta e um *Lamborghini* vermelho, com os vidros pretos, parou ao nosso lado. As portas abriram-se, para cima, e senti todo o meu corpo tremer e o queixo a, literalmente, cair-me. *James*.

— *Mierda!* — atirei uma das primeiras asneiras em espanhol que aprendi, saltando do capô e juntando-me ao Raul.

— Que foi? — questionou, mas achava que a minha cabeça não conseguira raciocinar naquele momento.

— Nada... — Era impossível tirar os olhos dele. Tinha o cabelo completamente despenteado, vinha com umas calças de ganga quase tão rasgadas quanto as que eu usei de manhã e uma camisola de mangas cavas branca.

— Vou fazer o registo. — O Raul deu-me um beijo na bochecha, saindo de perto de mim.

— Olivia. — Aproximando-se de mim bastante devagar, o James cruzou os braços assim que parou à minha frente. As veias nos seus braços pareciam pulsar freneticamente, ou eram os meus olhos e a minha mente a imaginar coisas.

— James. — Estava tão surpreendida, que me senti fisicamente incapaz de articular qualquer frase. Nunca imaginei que ele pudesse ser do tipo de pessoa que frequentasse aquele tipo de corridas, muito menos que fosse o líder dos *Suits*! — Isto não pode estar a acontecer. — Sentia, no mais íntimo nervo do meu ser, um enorme nervosismo a nascer. *Como é que estes dois mundos estão a colidir?*

— Ainda estou à espera da minha resposta... — Ele parecia demasiado calmo, quase como se fosse algo bastante normal na sua vida.

A verdade era que não sabia que resposta lhe dar, apenas o material fotográfico que já tinha editado. Agarrei o telemóvel, enviando-lhe um *link* com as fotografias da manhã, numa clara tentativa de ganhar tempo para pensar no que fazer a seguir. — O que é que isto significa?

— Que vais ter de esperar até ao fim da corrida. — Aproximou-se ainda mais de mim, surpreendendo-me ao colocar os óculos escuros que tinha nas mãos no meu decote. Olhava-me fixamente nos olhos, fazendo-me engolir em seco.

— *Seja qual for a resposta, tenciono ficar contigo no final da corrida.* — A voz saiu-lhe mais grave do que o habitual, causando-me um arrepio em todo o corpo.

Piscou-me o olho, virando costas e aproximou-se do seu carro. Aquele *Lamborghini* tinha, de certeza, muito mais potência do que o *Impala* do Raul e, se já estava ansiosa por tudo o que se podia vir a passar naquela corrida, comecei a sentir o coração na garganta a uma velocidade indescritível.





CAPÍTULO 3

JAMES

Estava a ser difícil concentrar-me no trabalho que tinha entre mãos, sabendo que aquela noite poderia definir todo o futuro do meu grupo. Devia estar junto deles, a preparar os carros e, pelo menos, a descobrir contra quem é que iria correr, mas estava preso ao meu verdadeiro trabalho. Encontrar um fotógrafo para o hotel estava a ser, no mínimo, a maior dor de cabeça do último mês. Se *esta* Olivia não aceitar a proposta que lhe apresentei, não sei como é que poderei ter, até ao final da semana, o nosso novo fotógrafo.

— James? — A Louisa, a minha assistente, entrou no escritório, depois de bater à porta, visivelmente preocupada.

— O que se passa?

— O teu pai está lá fora. — Receber Mark Colter era tudo o que precisava para terminar este dia...

— Diz-lhe que entre. — Encarava-me quase como a questionar-me se tinha a certeza. A Louisa conhecia-me desde pequeno, não fosse o meu pai o seu antigo patrão. — Não te preocupes, que consigo dominar a fera. — Suspirou, saindo logo de seguida.

A verdade é que não sabia se conseguia encarar o meu pai, sobretudo depois da nossa última discussão. Também sabia que, para se estar a deslocar ao meu local de trabalho, não era para entrar em conflito comigo novamente. O que aconteceria se descobrissem que o filho do grande empresário Mark Colter trabalhava num prestigiado hotel rival ao seu?

E era por isso que a nossa relação não era das melhores. Nunca tive o sonho de me tornar um dos seus empregados, submisso às suas regras e a cumprir com todas as minhas obrigações familiares dentro do seu

hotel. Comecei a trabalhar depois de ter estagiado no próprio *Setai* e afastei-me de tudo aquilo que poderia ser uma constante na minha vida. E hoje, com trinta anos e a gerir o meu próprio departamento, sabia que tinha sido a melhor decisão que tomei.

— James! — A Louisa voltou a entrar no escritório, dando passagem ao meu pai. — Vão desejar tomar algo?

— Não — respondeu, talvez demasiado depressa, o meu pai. Pelo tom com que falou, consegui perceber que estava chateado, e isso nunca era bom sinal. Porque era em mim que ele descarregava toda a frustração ou raiva, pelo menos desde que a minha mãe já não estava entre nós.

— Obrigado, Louisa. — Assenti-lhe, fazendo com que ela saísse do escritório e me deixasse a sós com o meu pai.

Ficou em silêncio, aproximando-se das grandes janelas viradas para a praia. Este era o meu pai, que não sabia como começar conversas que queria ter comigo; aquele que colocava as mãos atrás das costas, remetendo-se ao silêncio e evitava todo e qualquer contacto visual comigo. Sendo um jovem inocente de dezasseis anos, na altura em que a minha mãe morreu, acreditava que a minha relação com ele iria mudar. E mudou, mas não pelas melhores razões.

— A tua avó veio passar uns dias a Miami. — Sentei-me na cadeira, surpreendido pelas palavras do meu pai.

Há cerca de dois anos que a minha avó não visitava Miami e, sempre que a queria ver, era eu quem ia até Hollywood. Combinámos assim, pois as discussões que eu tinha com o meu pai acabavam por abalá-la de tal forma que a tensão dela subia, levando-a muitas vezes ao hospital.

— Quer jantar connosco. — A minha avó era a única pessoa do lado da minha família materna com quem ainda tinha o mínimo de relações e, provavelmente, a única que ainda queria saber de mim. — Amanhã. Veio com o teu tio Paul.

— Tudo bem. — Sabia o porquê de ele estar preocupado com a presença do meu tio. Era o único autorizado a movimentar todos os bens que a minha mãe tinha em seu nome, para além daqueles que eu tinha em minha posse.

— Preciso que me ajudes...

— Eu? — Aproximou-se da secretária, apoiando as mãos sobre o tampo. — Porque é que eu tenho a sensação de que fizeste alguma coisa?

— Tal como eu guardava alguns segredos, o meu pai também achava que os tinha. Só que todos sabíamos da sua grande dependência dos jogos de apostas. *Não fosse essa a razão pela qual a minha mãe morrera.*

— James, eu não fiz nada. — Manteve o seu olhar preso ao meu, dando-me a certeza de que tinha acontecido alguma coisa. — Eu só preciso que tu convenças a tua avó a passar para o nosso nome a empresa da mãe. — Ou então tinha mesmo um plano na manga para ficar com mais negócios.

— Nunca. — Não precisava que ele me convencesse nem que me tentasse manipular de alguma forma. — Tu tens a tua empresa, não precisas da dela. Além de que, mesmo que eu dissesse algo à avó, ela nunca iria fazer tal coisa...

— James, nós podíamos criar uma das maiores empresas hoteleiras a este dos Estados Unidos. — A sua ambição falava sempre mais alto, e a raiva transparecia-lhe pelos olhos. A empresa da minha mãe operava em Hollywood, com o meu tio a gerir todos os hotéis que faziam parte do *Tellows Hotels*. — Podias sair deste escritório, tornar-te vice-presidente do grupo e trabalharmos juntos, filho. — Senti que podia ser capaz de lhe dizer tudo aquilo que sentia, porém não o podia fazer e correr o risco de chamar atenções desnecessárias. Até hoje, ainda não conseguia compreender que não queria ter nada que ver com ele. Quer fosse a nível profissional ou pessoal. Sabia que ele era meu pai, mas também sabia que o tinha perdido há quase catorze anos.

— Pai! — Bufou, ficando a olhar para a moldura com a fotografia da minha mãe em cima da secretária. Pouco, ou nada mesmo, falávamos sobre ela e, de todas as vezes que me lembrava da pessoa que era a minha mãe, aquele sorriso que estava na fotografia era o que mais aparecia nas minhas memórias. Todos os dias sentia saudades dela. Todos os dias chegava ao topo do hotel e, quando me deitava na cama, percebia que sentia muito mais a sua falta do que no dia anterior. — Deixa que as coisas fiquem como estão. — Virou-me costas, voltando a olhar para a paisagem à sua frente.

— Vais, ao menos, comigo ao jantar?

— Claro que sim. — Ficou alguns segundos em silêncio, completamente imóvel. — Envia-me os detalhes por mensagem. — Começou a caminhar em direção à porta, olhando-me quando a abriu.

— Ainda bem que és mais parecido com a tua mãe. — Fiquei surpreendido com a sua afirmação, contudo o meu coração encheu-se com um conforto perante o que disse.

Sabia que não íamos ficar por li. O jantar ia ser mais uma enorme dor de cabeça para juntar a todas as que estava a ter durante a semana.



Estava no ponto crítico em que já ninguém acreditava no meu grupo. Um grupo que começou há trinta anos, juntando apaixonados por carros aos domingos, que queriam, apenas, ter um local seguro onde pudessem deixar de ser tudo aquilo que eram no dia a dia. Só que deixou de ser apenas isso. Passaram a ter corridas, a apostar cada vez mais em cada uma delas e, por conseguinte, éramos cada vez menos. Perdemos a essência, as pessoas e, se não começarmos a ganhar, perderemos o grupo por completo.

E era isso que tencionava fazer naquela noite. As corridas do Envelope Preto eram, por norma, aquelas onde se conquistavam os maiores prémios. Fosse em dinheiro, em carros ou em mulheres. Uma coisa com que sempre nos preocupávamos era que, quando houvesse uma corrida desse tipo, em que as mulheres do grupo eram a aposta, o que pretendíamos era que elas passassem a fazer parte do nosso grupo e fossem integradas pela essência que ali se vivia.

Por norma, as apostas eram sempre iguais: uma rapariga de cada grupo, de forma que quem ganhasse ficasse com mais elementos do seu lado. Hoje, o meu caso era diferente. Já ninguém queria correr comigo naquele tipo de corridas e, por isso, teria de apostar aquilo que de maior valor tinha: o meu carro.

Quem olhava de fora, poderia achar que estávamos a tornar a mulher num objeto, e a certa altura comecei a pensar isso mesmo, mas tudo o que queríamos fazer era que percebessem que os grupos conseguiam crescer se elas assim desejassem. Não passavam, quase, de corridas de recrutamento, mas apenas para os membros do sexo feminino dos grupos.

Via todos os outros grupos a fazerem o contrário: as raparigas que traziam com eles eram sempre muito mais do que um elemento novo

no grupo. Eram o resultado de uma noite bem passada. No meu caso, quando ganhava uma corrida e uma rapariga de outro grupo acabava por vir comigo, ela só ficava nos *Suits* se quisesse.

— O que é que colocaste na aposta? — perguntou o Mike, encostando-se ao meu carro. Era o único do grupo que me acompanhava e o melhor amigo desde que nele entrei.

— O carro. — Vesti o casaco de cabedal, olhando para o *Impala* estacionado ao lado do meu. Teoricamente, seria fácil vencê-lo, mas não sabia o que existia por debaixo daquele capô. Os *Magos* tinham sempre uma forma de surpreender com os carros que traziam às corridas, sobretudo quando era o Raul a conduzir.

— Tens a certeza de que queres fazer isso?

— É a única coisa que tenho, Mike. — Encarei-o, recebendo o copo de cerveja. — Se perder, vou ter de sair do grupo.

— Estás louco! — Bebi um gole demasiado longo sob o seu olhar. — Tu não vais sair do grupo.

— Não tenho como continuar, estamos a despedaçar-nos. Ninguém quer reunir, ninguém quer correr. Eu não posso continuar a apostar só dinheiro. — Mesmo que isso não fosse um problema e, mesmo que perdesse, acabaria sempre por o recuperar. — E não tenho nada para trazer a estas corridas para além do meu carro. Se calhar, já não faz sentido continuarmos. Se eu hoje perder esta corrida é o fim.

Os meus olhos voltaram a chocar com a imagem da Olivia. Não era pessoa que imaginasse a frequentar locais assim, sobretudo por fazer parte daquele grupo em específico. Admirava-me que nunca a tivesse visto. Será que já o fazia há muito tempo? Ou estaria com eles porque a ganharam numa corrida? *Há qualquer coisa sobre ela que me intriga.*

— Como é que conheces a miúda? — perguntou o Mike.

— Estou a tentar recrutá-la para o meu trabalho. E, agora, parece que a tenho de recrutar, também, para o grupo.

— Ela é muito próxima do Raul.

— Já a tinhas visto com ele? — *Estranho era eu nunca a ter visto com ele.*

— Sim. — Voltei a olhar para ela, ouvindo uma gargalhada contagiante da sua parte. — Eles fazem imensas corridas juntos, mesmo sem serem estas. Diz-se que são namorados, ou irmãos. Ninguém sabe

bem que relação é que têm. — *E como é que eu nunca reparei nela?* Eu conhecia todos os passos do Raul, eu sabia como é que ele se movia... mas nunca tinha visto a Olivia antes.

— Certo... — Começaram a chamar os nossos carros para se colocarem em posição.

— Tem cuidado com o Raul. — O Mike veio até ao meu lado do carro, baixando-se de forma a conseguir falar comigo. — Ele leva a miúda, mas tu sabes o quão agressivo é.

— Achas que me consigo esquecer disso? — A última corrida que fiz com ele foi há três anos e o desfecho não foi o idealizado por ninguém. — Se não ganhar, dás-me boleia? — O Mike riu-se, apertando-me o ombro.

Gostava de conduzir sozinho, era-me mais fácil concentrar na estrada e em tudo o que tinha à minha volta. Só que hoje havia uma enorme inquietude em mim. Pelo dia que tive no trabalho, pelo facto de já estar a pensar no jantar de família do dia seguinte e que, dentro de poucos minutos, poderia ficar sem carro e fora do grupo que liderava há quatro anos.

— Ei, Colter. — O Raul estava com o corpo ligeiramente acima do volante, já que o corpo da Olivia lhe devia ocupar grande parte do campo de visão. — Já não tens mais ninguém para trazer contigo?

— Não te preocupes que fico com *ela* quando acabarmos. — Reparei que a Olivia cerrou os maxilares e, virando o seu pescoço na minha direção, tive a certeza de que me poderia fuzilar com aqueles seus olhos castanhos.

— És sempre assim? — Virou ligeiramente o corpo para o meu lado, estendendo os braços para fora do carro. — Em tudo o que fazes, és sempre essa pessoa possessiva? Fazes sempre questão de dizer que tudo é teu e que tu é que decides tudo? — *Hum*. Ela tinha uma personalidade tão bem definida.

— Porque é que não haveria de o fazer? — Ela ia falar, mas depressa percebemos que a corrida teria de começar e acabei por fechar o vidro da janela do carro.

Não me lembrava de me sentir tão ansioso para uma corrida. Porque, talvez, naquele momento, tinha *tudo* em jogo. Primeiro, o grupo dependia de mim em todos os aspetos e, depois, tinha uma enorme vontade de

fazer algo de novo no meu trabalho, enquanto via essa oportunidade de escapar-me pelas mãos. E tinha quase a certeza de que a Olivia não queria trabalhar comigo. Se lhe fora fácil ler-me, também era fácil perceber qual seria a sua decisão em relação à proposta de trabalho que lhe fizera.

Assim que a rapariga que iria dar início à corrida se colocou à nossa frente, comecei a preparar o motor do carro para conseguir dar tudo no arranque. O barulho do motor ajudava-me a concentrar e, sobretudo, a encher-me de adrenalina. A contagem começou, endireitei-me no meu lugar e olhei para o carro ao lado. E foi aquela fração de segundo em que os meus olhos se cruzaram com os da Olivia, que me fizeram perder o controlo sobre tudo o que se sucedeu.

Eles partiram à minha frente e, quando arranquei, já tínhamos uma distância considerável a separar-nos. *Que bela forma de começar esta corrida.* Sentia que o meu pé estava a agir por impulso, pressionando o pedal do acelerador com força a mais, e a raiva em crescimento dentro de mim fez-me mudar, com agressividade excessiva, as mudanças. Talvez me estivesse a aproximar deles, mas, ao mesmo tempo, sentia que ainda estava muito atrás.

— Vamos. Isto não pode acabar assim... — Conduzir pelas ruas de Miami já era um hábito para mim. Atrevia-me a dizer que as conhecia de olhos fechados, mesmo que, todos os dias, existisse um desvio novo para aprender. — Isso.

O Raul travou mais fundo numa curva, fazendo com que eu passasse a conduzir ao lado deles. Fizemos a reta que se seguiu sempre em troca de posições, até que chegámos a mais uma curva, e o Raul aproximou o seu carro do meu. Tive de voltar a olhar para eles e percebi que ela estava com um dos sorrisos mais bonitos que alguma vez vira. Acelerei, sentindo o carro do Raul bater contra o meu e, por breves segundos, tive a sensação de que iria sair do meu percurso e ficaria por ali. Só que isso não aconteceu. Consegui manter-me estável, manter-me à frente do Raul e percorrer as curvas seguintes nessa posição.

Havia pouco trânsito àquela hora, mas, quando chegámos à última curva antes da grande reta do final da corrida, foi o momento em que mais carros apareceram à nossa frente. E o momento em que vi o Raul, do outro lado da estrada, em contramão.

— Ele é louco. — Como se isso fosse uma novidade.

Percebi que ele tinha ligado o seu nitrogénio, perdendo-o de vista com todos os carros que começavam a passar por mim. Liguei o meu, tentando perceber, ao mesmo tempo, onde é que eles estavam. Sem sucesso. Senti que os perdera de vista e, ao ter o nitrogénio ligado, acabei por me concentrar nos últimos quilómetros da corrida, sem qualquer noção de quem é que a ganharia quando acabássemos. E, em vez de estar interessado em saber quem ganhou a corrida, no meu peito instalou-se uma preocupação estranha.

E claro que não era com o resultado.



CAPÍTULO 4

OLIVIA

Não me recordava de ter tanto medo de estar dentro de um carro com o Raul como naquela altura. Talvez tenha acontecido na primeira corrida em que participei, mas era um nervosismo diferente. Hoje, sabia o que é que significava esse silêncio do Raul desde que começou a conduzir.

— Estás demasiado calado. — Por norma, íamos sempre a falar, fosse sobre a pessoa contra quem estávamos a competir ou sobre as coisas mais ridículas que se podiam imaginar. — O que é que se passa?

— Nada. — Ele apertou o volante com mais força, fazendo a curva quase em cima do carro do James. Esse ser que, até aquele momento, me surpreendia a cada segundo da corrida. Não hesitou, acelerou à nossa frente e forçou o Raul a bater contra o carro dele. — *Cabrón!* — E, se bem conhecia aquele olhar do Raul, os próximos momentos não seriam nada bonitos.

— Raul, é só uma corrida... — Estava completamente furioso.

— *Ele quer-te.* Ele não quer ganhar esta corrida por mais nada, Oli. — Queria focar-me na estrada, mas comecei a perceber que o Raul estava a conduzir em contramão. Preferi manter os olhos nele, tentando controlar o turbilhão de sensações que me atravessava.

— Eu confio em ti. — Coloquei a mão sobre o seu braço, apertando-o. — Eu sei que não vou sair daqui com ele. — Encarou-me por breves segundos, voltando a concentrar-se na estrada. — Ele é só o típico gajo de Miami, que, por acaso, poderá vir a ser o meu patrão. — *Mierda*, eu não devia ter dito isto.

— Tu vais trabalhar com ele!? — A sua surpresa era diretamente proporcional ao aumento da velocidade do carro. — E não me dizias nada?

— Eu ainda não decidi. Aliás, acho que depois desta corrida, será mais do que óbvio que não vou conseguir trabalhar com ele.

— Ele está à nossa frente. — Senti o ar prender-se nos pulmões, olhando para a estrada. Mesmo por entre os carros que vinham em contramão, do outro lado, conseguia ver aquele *Lamborghini* vermelho muito perto de nós. — Ele tem-te. — O Raul passou para a faixa de rodagem onde deveria estar, começando a ir por um caminho diferente daquele que tínhamos de fazer. — Oli, isto não era suposto estar a acontecer. — Não só estava furioso por ter perdido a sua primeira corrida em meses, como *acabou de me perder*. Não sabia para onde é que ele estava a ir, mas também não tinha a capacidade para lhe perguntar o que quer que fosse. — Vou deixar-te em casa. — De certo modo, aqueceu-me o coração.

— A minha mota... — Lembrei-me de que tinha chegado nela. — E eu deveria ir ter com o James, não?

— Eu peço a alguém que deixe a mota à porta de tua casa. — Ficou, novamente, um silêncio estranho entre nós. — Tu não tens de fazer nada. — Parou o carro em frente da minha porta, virando-se para mim. — *Mírame*. — Virei-me para ele, chocando os meus olhos com os seus. Havia ali um misto de preocupação e raiva. Se bem o conhecia, estava completamente perdido, tal como eu. Nunca me passaria pela cabeça que aquilo nos pudesse acontecer, já que o Raul *nunca* perdia. — Ele não tem como te encontrar. Eu vou tentar resolver tudo, mesmo antes de qualquer corrida. Eu não posso deixar que aquele grupo te ponha as mãos em cima.

— Raul. — Agarrei-lhe a mão, puxando-a para cima das minhas pernas. — Eu... eu preciso de lhe dar uma resposta em relação ao trabalho. E eu *tenho* de agarrar esta oportunidade.

— Não, não... — Abriu o compartimento que existia entre os dois bancos, retirando de lá uma grande quantidade de dinheiro. — Tu não podes trabalhar com ele. — Esticou o dinheiro na minha direção. — Desaparece por uns dias...

— Calma! — Naquele momento, ele já estava a exagerar mais do que qualquer outra coisa. — Eu acho que estás a entrar em pânico. Não é que eles me possam fazer alguma coisa, além do mais, o James...

— O James é o pior deles todos. — Para o Raul ter aquele tipo de reação, já dava para perceber que eles tinham uma história, mas que, se calhar, preferia nem conhecer. — Por favor, Oli. — Esticou o braço na minha direção, para me entregar o dinheiro.

— Não. — Travei-o. — Não façás nada de que te venhas a arrepender. Eu, agora, pertenço ao grupo deles. O teu único trabalho é fazer com que isso mude. — Ele acenava repetidamente que não com a cabeça. — Raul! — Coloquei as mãos no seu rosto, desviando os cabelos que lhe caíam sobre as bochechas. — Eu sou crescida e acho que já me devias conhecer, melhor do que ninguém, para saber que aquele James não me tem na mão.

— Oli. — Repousou a mão dele no meu pescoço, encostando a sua testa com a minha. — Não deixes que ele te faça nada... — Assenti, depositando-lhe um beijo na bochecha.

— Não te esqueças da minha mota. Preciso dela logo de manhã para ir trabalhar.

— Com ele?

— Ainda vou pensar nisso. — Agarrei a mala, saindo do carro.

O silêncio da viagem de elevador até ao terceiro andar do prédio, fez-me pensar em tudo o que tinha acontecido na última hora. A corrida foi, sem sombra de dúvidas, uma das que mais me assustou. Por toda a fúria que vi nos olhos do Raul, por ter percebido a carga emocional que aquela corrida teve. E onde o resultado mais me surpreendeu. Não sabia o que fazer, não sabia o que pensar ou, até, o que se passava no meu interior.

Saí do elevador e, assim que entrei em casa, deitei-me sobre a cama. O que é que era suposto eu fazer? Sentia-me com vontade de falar com alguém, com a Dina sobretudo... mas era demasiado tarde para ir até casa dela. Levantei-me, fui até ao frigorífico e retirei de lá um jarro de água fresca e, depois de servir um pouco num copo, bebi-a. *O que é que eu faço agora?*

Comecei a ouvir o som de uma mota a aproximar-se e, ao ir até à janela mais próxima da cozinha, percebi que era a minha que estava a chegar. Não era o Raul, muito menos alguém do nosso grupo. E, assim que aquele carro vermelho parou junto dela, todo o meu corpo estremeceu. *Ele sabe onde eu moro.* Fiquei em alerta, sem conseguir controlar

os pensamentos e questões sobre o que estava a acontecer. Afastei-me da janela, sentindo a respiração alterar-se por completo.

— Calma, Olivia. Ele não vai ser louco ao ponto de te fazer mal, não é? — Sentei-me, novamente, na cama. — É só ele tentar fazer alguma coisa e eu chamo a polícia. — Agarrei o telemóvel, surpreendendo-me com o impacto que toda a noite estava a ter em mim. O meu corpo reagiu de impulso, sendo tão perceptível o peso que começava a carregar nos meus ombros. Só consegui voltar a respirar minimamente normal, quando, na rua, já não ouvia nem a mota, nem o carro.

Dei um salto de tal forma ao ouvir o som de notificação do telemóvel, que o mesmo foi parar ao chão. Gatinhei pelo chão até o alcançar, sentando-me para me deparar com aquela mensagem:

Trouxemos a mota, não tinha de ficar abandonada.
Ainda estou à espera da minha resposta, mas temos reunião às dez da manhã.
James Colter.

— Este só pode estar a brincar comigo...

Deitei-me no chão, respirando fundo e com os olhos postos no teto. Recordei os olhos do James, colocando a mão no meu peito. *Ainda tinha os óculos dele.* E não conseguia esquecer a forma como ele me olhou antes de fechar o vidro do seu carro.



— Dina! — gritei, em plenos pulmões, assim que entrei na mercearia.

— *¿Qué pasa?* — Vinha na minha direção dando passos apressados e as mãos no peito. Assustei-a, tinha a certeza, mas o tempo que tinha era demasiado curto. — Oli. — Olhou-me de alto a baixo. — Que linda! — Sim. Eu ia à reunião. E sim, eu arranjei-me para ir até lá. Vesti o único *blazer* preto que tinha, com uns botões dourados bem trabalhados, colocando um *body* branco por baixo, de mangas cavas e bastante renda. Calças pretas e os meus sapatos de salto altos, também pretos. — Vais deixar-me...

— Não. — Aproximei-me dela, agarrando-lhe as mãos. — Eu tenho

uma reunião de última hora. Muita coisa aconteceu na corrida de ontem e vou a uma reunião daqui a uma hora...

— Oli! — Agarrou-me as duas mãos. — Tens de respirar. — E fi-lo, sentindo-me a querer começar a chorar. — O que se passou?

— O Raul perdeu. Contra o meu possível novo chefe. — O choque no seu rosto era bastante esclarecedor. — O Raul fugiu comigo no final da corrida, por isso não sei bem o que é que se vai passar.

— Queres que chame o Raul?

— Não, nem pensar. — Respirei fundo. — Eu só vim avisar que me devo atrasar. — A minha hora de entrar era só depois de almoço, porém tinha de a avisar sobre o que se estava a passar. — E que preciso muito de falar consigo.

— *Niña*. — Subiu a sua mão ao meu rosto, acariciando a face. — Estou aqui sempre que precisares, mas vai lá. Não te atrases e, se for para agarrar o trabalho, fá-lo no minuto que os teus olhos se cruzarem com os *dele*. Sempre foste dona de ti mesma, não é hoje que isso vai ser diferente... — Respirei de alívio. A Dina conseguia acalmar todos os meus nervos e compreender-me melhor do que eu mesma.

— *Gracias*. — Abracei-a, saindo a correr da mercearia.

E lá ia eu. Na minha mota azul-celeste e com Miami a despertar aos poucos. Assim que parei a mota à entrada do hotel, senti o estômago revirar-se. O James estava parado na entrada e, assim que eu coloquei a mota em descanso, retirou os óculos escuros e começou a vir na minha direção.

— Senhora. — Aquele que deveria ser o bagageiro, aproximou-se de mim. Retirei o capacete, arrependendo-me, um bocadinho só, de não ter um carro, mas, ao contrário daquilo que pudesse parecer, eu amava andar de mota. Entreguei-lhe a chave da mesma, abrindo o banco primeiro para retirar os meus pertences.

— Obrigada. — O James tinha ficado parado no topo dos três degraus, olhando, naquele momento, para a minha mota. Olhei para trás, percebendo que o rapaz ia, com bastante dificuldade, a levar a mota pelas mãos.

— Mike! — O James chamou-o, fazendo com que ele o olhasse. — Não finjas que não sabes andar de mota. — Riram-se, dando-me a entender que eram mais do que colegas de trabalho. — A Olivia, agora,

vai ter mais do que tempo para te ensinar a não cair em cima de uma. — Encarei para o James, deparando-me com aquela versão dele de ontem à noite. — O senhor Mike Brown é do *nosso* grupo. — Engoli em seco, subindo os degraus de forma a ficar ao mesmo nível que ele. — Porém, dentro daquelas portas. — Apontou para as portas ao nosso lado. — Ele é, apenas, um colega de trabalho. Assim como nós.

— Não. — Por muito que os olhos dele tivessem uma capacidade estonteante de me deixar perdida, a minha cabeça era demasiado forte para não me deixar quebrar naquele momento. — O James poderá vir a ser o chefe a quem eu terei de responder. — Sorriu de forma sarcástica, olhando por uns segundos para o outro lado da rua. — Além de que eu nem sei o que estou aqui a fazer.

— A Olivia está aqui para conhecer a equipa. Vamos ter a reunião de *marketing* para definir os eventos do próximo mês, e quero apresentá-la como a nova fotógrafa. — Senti que estava a morder a bochecha por dentro, quando me alejei. — Poderei fazer isso?

— Eu ainda nem li o contrato...

— Tem — olhou para o relógio no seu pulso direito — quinze minutos até ao início da reunião. — Esticou o braço para a zona da entrada, como que me indicando para entrar.

Percebi que caminhava à frente dele, ao ver o nosso reflexo nos vidros das portas. E era uma imagem, sobretudo minha, que eu nunca esperei gostar. Aquilo era tudo o que eu não era. Quase que nem me reconhecia no reflexo da porta, mas era uma versão que, se calhar, deveria existir mais vezes.

Entrámos no hotel, lado a lado, caminhando, depois, ligeiramente atrás do James, para que o conseguisse seguir até ao escritório onde tivéramos a nossa primeira reunião.

— Fique à vontade. — Surpreendeu-me ao retirar de uma gaveta aquele que reconhecia como sendo o meu contrato. — Se o assinar, venha ter comigo ao espaço de trabalho comum no fundo do corredor. Se preferir não o fazer... — Apoiou as mãos sobre a mesa, notando uma certa dúvida nos seus olhos. Tinha quase a certeza de que toda a situação estava a ser demasiado confusa para os dois. — Tens de esperar aqui porque eu preciso de falar contigo sobre ontem. — Assenti, sentindo-me incapaz de lhe dizer o que quer que fosse. — Se quiseres

café, serve-te à vontade. — E, sem que lhe pudesse agradecer, saiu do escritório. Quando queria falar de forma mais profissional, o James adotava um tom mais formal, alternando-o com um mais atrevido quando o assunto dizia respeito às corridas, como fora o caso daquele momento.

Respirei de alívio por, nem que fosse por breves minutos, estar sozinha. Não sabia o que esperar de qualquer cenário. Li o contrato, surpreendendo-me pelo salário que nele aparecia. O que poderia receber ali num mês era o equivalente a três meses de trabalho na mercearia da Dina. Eu sabia que o dinheiro não era tudo, mas, naquele caso, era o maior bônus a juntar ao facto de *ir* trabalhar naquilo que mais amava fazer.

Assinei o contrato, para minha própria surpresa, num ato quase impulsivo. Coloquei-o na pasta preta, levantando-me para sair do escritório. Percorri o corredor até ao fim, vendo o James sentado em cima de uma secretária, de olhos postos no computador em cima das suas pernas.

— Colter. — Assim que falei, dirigiu o seu olhar para mim. Dei os dois passos que me faltavam até ele, entregando-lhe a pasta. — Precisamos de algum tempo de adaptação. Tenho de, pelo menos nos primeiros tempos, conjugar com o trabalho que ainda tenho...

— Olivia. — Pousou o contrato em cima da mesa. — Vais ter tempo para tudo. — Saiu de cima da mesa, ficando parado à minha frente. — A única coisa que preciso de ti agora é que estejas nesta reunião.

— Acho que estou aqui... ou isto é um pesadelo?

— Ainda bem que não é. — Ficámos a olhar um para o outro, perdendo toda e qualquer noção do que se estava a passar à nossa volta. — Espero que o Raul se habitue à ideia de conduzir sozinho — disse, mais baixo, e com o seu rosto bastante próximo do meu.

— Isso não era para ficar lá fora? — Mordeu o lábio, juntando-os numa linha reta, dando-me a entender que o deixara sem resposta. — Eu espero que se consigam separar as águas. Este trabalho é uma oportunidade única e eu não a quero perder por tudo o que se passa fora deste hotel.

— No que depender de mim — endireitou-se, cruzando os braços —, não vais precisar de pensar no que se passa lá fora enquanto estiveres aqui.

— Essa bipolaridade é natural ou...

— James, podemos começar? — Fomos interrompidos, e ele, depois de enrugar a testa com os seus olhos postos em mim, virou-se para a equipa e deu alguns passos até ao meio da sala.

— Antes de começarmos. — Voltou a encontrar os meus olhos, esticando o seu braço na minha direção. — Olivia Garcia. — Dei um pequeno passo em frente, como que tentando parecer que pertencia àquele lugar. — A nossa nova fotógrafa e responsável pela componente artística de todas as futuras campanhas. — Claro que, durante os primeiros momentos da reunião, houve tempo para que me pudesse apresentar, bem como conhecer algumas das pessoas com quem iria trabalhar.

Sentia que, ao observar o James, me abstraía de tudo. Havia qualquer coisa de encantador na sua figura e no poder que transmitia. E isso era algo que ele não perdia em momento algum. Percebi que a reunião estaria a demorar mais do que o habitual, quando alguns dos meus novos colegas começaram a ficar impacientes.

— Podem ir — disse o James, fazendo com que todos se levantassem. — Já todos sabem o que fazer e os prazos que têm. Olivia — chamou-me, fazendo-me dar meia-volta sobre mim mesma. — Chega aqui. — Ele voltou a sentar-se e, depois de me despedir daquela que era a assistente do James, aproximei-me da mesa. — Temos de falar.

— Sim. — Olhei para o meu relógio. — Mas agora tenho de ir trabalhar... — No seu rosto instalava-se a confusão, com a testa a formar várias rugas. — O meu contrato só é válido quando o diretor do hotel o assinar, correto? — Cerrou os maxilares, levantando-se logo de seguida. A sala ainda tinha alguns colegas, pelo que ele nunca poderia fazer nada de que se arrependesse naquele momento. — Correto? — Voltei a insistir.

— Há uma regra que eu não quero quebrar. — Agarrou-me pelo antebraço, puxando-me para ele. — Eu quero que estejas *comigo* por vontade própria e não por obrigação. — Sentia-me confusa, naquele instante.

— Isso quer dizer... que eu posso regressar aos *Magos*? — O grupo do Raul. *O meu grupo*.

— Podes — falávamos num tom de voz bastante baixo, mas tinha a certeza de que a força que ele exercia no braço, era equivalente à sua vontade de gritar comigo —, mas não o vais fazer.

— Não?

— Não. — Voltou a fazer pressão no meu braço, puxando-me mais para ele. — Porque assinaste o contrato. Tu vais estar comigo.

— Profissionalmente.

— E no grupo. — Fiz força para me soltar dele. — E vais ter de correr amanhã à noite para recrutar mais pessoas.

— Não. Se eu posso escolher, é óbvio que eu não vou optar por ficar nos *Suits*.

— Mesmo que isso implique uma rusga à oficina do Luís Miguel?

— Sentou-se na mesa, e, com aquela pergunta, desfez todo o meu coração. *Eu não acredito que ele sabe de tudo o que se passa na oficina do marido da Dina.* — Não é lá que o teu namorado esconde tudo o que é mercadoria das corridas? — *Ele sabe.* Comecei a vê-lo com os olhos embaciados pela água que neles se começavam a formar. — Bem me parecia. — Levantou-se e, ao aproximar-se de mim, passou com o polegar pela minha face, limpando a lágrima que por ela escorria. — Vais ficar, não vais?

Não lhe respondi. Sentia-me a sufocar com as lágrimas presas nos olhos e um nó a formar-se na garganta. Saí, quase a correr, do hotel e, ao voltar a sentir o ar no rosto, derramei as lágrimas que teimava em prender. Ele não podia ser tão cruel a esse ponto. Não podia.





CAPÍTULO 5

OLIVIA

Nunca tinha desejado tanto pela minha cama como hoje. Que dia infernal. Que dor no peito que não desaparecia nem por nada. Pela primeira vez na minha vida, senti-me de pés e mãos atados, sem conseguir ter como reagir à pessoa que o James era.

Há demasiado tempo que não me deitava na cama, encolhida sobre mim mesma, a olhar o vazio. A mente tão cheia, mas, ao mesmo tempo, tão vazia. Sentia que toda a minha energia e capacidade para lidar com essa situação me tinha sido sugada. E tudo por causa daquele homem. Não sabia quanto tempo tinha ficado assim, mas quando me virei para o lado das janelas, já era noite cerrada. *O que é que vais fazer da tua vida?*

Porque eu poderia, sem qualquer problema, deixar o James para trás, esquecer tudo aquilo que poderia conquistar com o meu novo emprego e continuar a minha vida como até há vinte e quatro horas. Mas... e se ele fizer, realmente, com que o Raul e o senhor Luís Miguel tenham problemas com a polícia? E se, pior ainda, fizer com que algum deles acabe *morto*?

O telemóvel começou a vibrar com sinal de chamada e, olhando para o visor, percebi que eram perto das duas da manhã. *Lola*. Tudo o que eu não precisava naquele momento.

— O que se passa? — perguntei assim que atendi. A Lola era uma das minhas grandes amigas. A única mulher que, quando me juntei ao grupo do Raul, não me colocou uma cruz em cima e, pelo contrário, quis que eu estivesse sempre com ela.

— *Nada! Não vens cá hoje?* — Estava no seu bar. Aquele pequeno espaço bem no centro de Little Havana que ela comprou há cerca de um ano.

— Não. — Tinha a certeza de que já sabia o que se passara e era por isso que me estava a ligar. — Preciso de dormir... — Coisa que não ia acontecer tão depressa.

— *Precisas de falar?* — Também, mas não tinha coragem para falar com ninguém naquele momento. — *Vem aqui ter comigo. Isto está calmo. Não está cá ninguém dos Magos. Prometo que te ofereço bebidas.*

— Acho que hoje nem isso...

— *Vá lá, Oli. Estou a morrer de tédio.*

— Não está *mesmo* aí ninguém?

— *Podes vir descansada. Só cá estou eu.*

— Já vou. — A verdade é que não iria conseguir dormir nada nas próximas horas e precisava de desabafar com alguém. Com alguns copos em cima e sem a pressão de ter de agir imediatamente.

Não me atrevi, sequer, a trocar a roupa que tinha vestido depois de sair da mercearia e saí de casa com as minhas calças de ganga brancas e uma *t-shirt* preta. Caminhei por Little Havana, dando-me conta de que a cidade estava muito sossegada. *Deve estar a haver corrida em algum lado.* E não demorei nem dez minutos a chegar ao bar da Lola. O seu *Oásis*.

Tal como havia dito, estava demasiado calmo para aquilo que costumava ser. Estavam alguns vizinhos sentados nas mesas ao fundo, outros a jogar *snooker* e mais dois sentados ao balcão a beber as suas cervejas. A Lola estava a limpar a máquina do café, de costas, e não deu pela minha entrada. Assim que me sentei à sua frente, bati com o suporte dos guardanapos em cima do balcão e ela assustou-se.

— *Joder.* — Virou-se para mim, começando a rir-se. — Queres partir-me a casa toda ou matar-me de coração?

— Nem uma coisa, nem outra. — Ficámos a olhar uma para a outra e, claro, a Lola precipitou-se por cima do balcão a puxar-me para ela e envolver-me nos seus braços.

— Eu já estive na mesma situação — segredou-me ao ouvido —, mas o Raul trouxe-me de volta. — E bastou isso para que começasse a chorar. — Não faças nada do que o outro otário te peça. — Limpou as

lágrimas que teimavam em escorrer-me pelo rosto. — *Tequila?* — questionou com o seu tão bonito sotaque espanhol.

— Por favor! — Foi até ao fundo do balcão, trazendo a garrafa de tequila com ela. Colocou dois copos à minha frente, baixando-se para retirar do frigorífico rodela de lima. — *Ele* deu-me a hipótese de não ficar nos *Suits*. — Encarou-me, demasiado séria, abrindo a garrafa. — Só que também frisou que sabe do que se passa na garagem do Luís Miguel...

— Ele vai usar-te o máximo que conseguir. — *Porque é que eu tenho a sensação de que ela sabe, exatamente, como é o James?* — O James aprendeu a ser assim com o Juan. O seu antecessor. — Serviu a tequila nos dois copos, deslizando um deles sobre o balcão na minha direção. — Eu saí para os *Suits* durante uns tempos — confessou. — E o James já era o seu pequeno aprendiz. Eles não nos obrigam a ficar, mas usam aquilo que têm à sua disposição para nos fazer querer ficar lá. — Colocou sal na sua mão, e, tal como me tinha ensinado, deu uma trinca na lima, lambeu o sal e bebeu a tequila logo de seguida. — Tem cuidado. — Pousou o copo no balcão, agarrando-me a mão. — Não deixes que ele mexa com a tua cabeça. — *Já é um bocado tarde para isso.*

Chamaram-na na outra ponta do balcão e acabei por ficar sozinha, com a garrafa daquela bebida tão intensa, durante algum tempo. Não tinha a certeza de quantos *shots* bebi sozinha, porque bebê-los foi a melhor coisa que fiz para não começar a pensar em mais nada.

— Acho que a menina já se está a esticar, não? — A Lola retirou a garrafa da minha frente, apoiando-se de braços cruzados em cima do balcão. — Fala comigo e não com a bebida, Oli. — Agarrou-me a mão, começando a acariciá-la.

— Eu não sei o que dizer. — Coloquei o cotovelo no balcão, apoiando a cabeça na mão. — Porque eu vou trabalhar para ele, Lola. — Ela arqueou a sobrancelha direita, visivelmente confusa. — Eu assinei contrato no *Setai*, vou trabalhar como fotógrafa lá e para ele. — Suspirou, imitando o meu gesto e apoiando a sua cabeça na sua mão. — Eu agarrei essa oportunidade, sabendo o que ele é, mas sem saber o que ele tinha para me segurar na mão dele. — Não sei se era pela quantidade de álcool que já tinha bebido, se por toda aquela situação estar a mexer com a minha cabeça, mas aquele aperto no peito continuava a

aumentar. — Neste momento, só tenho vontade de deixar o trabalho, que nem sequer comecei, e fugir!

— Oli. — Sorria, como que tentando acalmar-me. — Vai ser por pouco tempo. A próxima corrida é amanhã, o Raul vai buscar-te...

— Vou ser eu a conduzir, provavelmente. — Começou a rir-se à gargalhada, contagiando-me. Com carros era, claramente, um problema. Tudo o que tinha em capacidades para conduzir a minha mota, faltava-me para conduzir um carro. E, depois, não tinha qualquer sentido de orientação na cidade, com o trânsito a passar por mim.

— Então não haverá qualquer problema em voltares aos *Magos*. — A porta do bar abriu-se com uma enorme violência e, ao olharmos as duas para a entrada, a minha surpresa não poderia ser maior. — Era só o que faltava. — Ela atirou com um dos panos para a bancada oposta, começando a caminhar para o fundo do balcão de mãos na cintura.

O James acabara de entrar no *Oásis*. Podia não o conhecer, mas sabia reconhecer quando alguém estava bêbedo... e se ele não estivesse prestes a entrar em coma alcoólico, devia estar, pelo menos, quase a desmaiar.

— Uma cerveja. — Ouvi-o pedir. — Não, *whisky*. — Olhei pelo canto do olho para eles, percebendo que a Lola falava algo, mas num tom de voz bem mais baixo do que o James. — Minha senhora, eu tenho dinheiro para pagar. — E levantou o seu cartão no ar. — Muito dinheiro. — Assim que a Lola me encarou, também ele desviou o seu olhar para mim. — Vejam só quem é ela! — E, ao levantar-se para vir na minha direção, só consegui ler nos lábios da Lola um pedido de desculpas. — Olivia! — Assustou-me ao precipitar-se na minha direção e abraçar-me.

— Ei! — Empurrei-o quando caí em mim mesma, fazendo com que ele fosse parar ao banco oposto ao meu. Fitou-me, perdendo o foco, várias vezes. Ria-se, completamente alterado. Só me lembrava do Raul a quem tive, repetidamente, de agarrar e levar até casa para que não fizesse alguma asneira.

— Eu não estava à espera de te ver — falou, enchendo os pulmões de ar e, logo de seguida, expeli-lo pela boca. Só cheirava a álcool e, ao baixar a cabeça, direcionando os seus olhos para as mãos, vi aquilo que não esperava. Os nós dos seus dedos demasiado inchados e com sangue.

— O que é que tu fizeste? — Voltou a olhar-me, encolhendo os ombros. — Não sabes?

— Acho que não. — *E agora? O que é que é suposto eu fazer com ele?* — Eu só quero uma cerveja, mas a gaja do bar não me dá. — Virou-se de frente para o bar, chamando pela Lola.

— Tem lá consideração pelas pessoas e nem te atrevas a beber mais nada! — Assim que virou o seu corpo para mim, cambaleou ligeiramente na minha direção. Reagi de impulso ao colocar as mãos na sua barriga, de forma a evitar qualquer tipo de contacto físico pior do que aquele.

— Por favor, só mais uma. — Encostou a sua testa na minha, começando a rir-se à gargalhada. — Cheiras a tequila. Vamos beber tequila! — Afastou-se com rapidez, voltando a sentar-se no banco.

— Tu vais ter é de ir embora! — Acenou que não com o dedo e apoiou o cotovelo no balcão. — Vais, vais. E agora.

— Que desmancha prazeres, senhora Olivia.

— Está tudo bem por aqui? — perguntou a Lola ao aproximar-se de nós.

— Podia estar melhor se trouxesse a tequila que ela esteve a beber. — O James respondeu depressa demais, apontando para mim.

— Lamento, mas não te posso servir mais nada. — O James estava tão alterado que parecia nem reconhecer a Lola, senão de certeza que falaria para ela de outra forma. — Ele vai ter de sair daqui, Oli — disse ela, olhando-me.

— Parece que nenhum bar em Miami quer ganhar dinheiro, está certo. — Levantou-se, começando a caminhar e a cambalear até à saída. — Eu vou embora, tenho de encontrar algum que me sirva alguma coisa! — Caiu-lhe algo do bolso e, claro, ao tentar apanhar, o James tombou na direção do chão. Se não fosse um dos homens que jogava *snooker* a segurá-lo, ele teria caído. — Chaves! — Levantou-as no ar, começando a rir-se à gargalhada.

— Ele vai conduzir... — Encarei a Lola perante o seu comentário, e ela virou o seu pescoço na minha direção.

— Nem olhes para mim. — Sabia perfeitamente o que é que aquele olhar maternal significava.

— Oli... ele já fez alguma coisa a julgar pelo estado das mãos, que- res que aconteça algo pior?

— Eu não tenho nada que ver com ele... — Revirou os olhos, fazendo-me sinal com a cabeça. Voltei a fitá-lo e percebi que, naquele momento, se ria com o homem que o tinha ajudado. — Porque é que me tem, sempre, de calhar a mim esta parte? — Retirei algum dinheiro da carteira, deixando-o em cima do balcão. Levantei-me, caminhando até ao James.

— Olha! — Viu-me e, perante a sua surpresa, quase que parecia que já não se lembrava de que eu estava ali. — Já podemos beber?

— Não, podemos ir embora. — Agarrei nas chaves do carro, que ainda mantinha na mão, passando por ele. Assustei-me quando, já fora do *Oásis*, as mãos dele me apertaram os ombros por detrás. — Onde é que está o teu carro? — Virou-me o corpo para a esquerda, apontando para o *Mercedes* ali parado. *Carros parece ser algo que não lhe falta.* — Muito bem. — Caminhei com bastante dificuldade os poucos metros que nos separavam do carro, já que ele fazia uma força tremenda sobre o meu corpo.

— Vamos beber, Olivia? — Encostou-se ao carro, encarando-me. — Por favor...

— Não, vou levar-te ao *Setai* e vais dormir.

— Não, não, não. — Precipitou o corpo na minha direção, com os seus braços sobre os meus ombros. — Eles não podem... — *Claro que não podem.*

— Tens outra opção? — Acenou que não com a cabeça, encolhendo os ombros. — Entra. — Abri a porta, empurrando-o para dentro do carro. — Isto só me podia acontecer a mim, não é? — Falei para mim mesma, ficando parada a observar o céu.

O que é que eu vou fazer com ele? Acabei por dar a volta pela frente do carro, entrando nele logo de seguida.

— Muito bem. — Deparei-me com o James a dormir. — Claro, fantástico! — Agradei por o carro ser automático, já que me iria facilitar na forma de o conduzir.

Não precisei de pensar muito, parando o carro em frente do meu prédio. Ia levá-lo para minha casa ou, pelo menos, tentar.

— James! — chamei-o, ao abrir a porta do seu lado. — Acorda! — Toquei-lhe, sem qualquer sucesso em acordá-lo. — James! — falei bem mais alto, dando-lhe uma leve chapada no rosto.

— O que foi? — Encarou-me, mexendo imenso os seus braços. — Tu bateste-me?

— Não, alguma vez iria bater no meu patrão? — Agarrei o braço dele. — Vamos, temos de subir.

— Que motel é este?

— É a minha casa, estúpido. — Saiu do carro, olhando para o prédio.

— Ah sim, já me lembro. Porque é que me trouxeste para aqui?

— Não sei. — Agarrei-lhe a mão, colocando-lhe ali a chave. — Se quiseres, podes dormir no carro ou vir comigo. Faz o que quiseres.

Virei-lhe costas, indo abrir a porta do prédio e, logo depois, entrei nele em direção do elevador. O James veio atrás de mim, encostou-se ao espelho do elevador e manteve o seu olhar preso ao meu. Graças a Deus, a viagem terminou rapidamente no terceiro andar e ele, tal como eu, caminhou em silêncio, seguindo-me.

— Temos de tratar dessas feridas. — Pousei as minhas coisas em cima do sofá, fazendo-lhe sinal para a cama. — Senta-te ali que eu vou buscar qualquer coisa para desinfetar isso.

— Sim. — Enquanto caminhava na direção da casa de banho, percebi que ele se estava a rir. — Tu pareces uma pequena chefe. Não, pequena não. És mesmo uma chefe grande. — Acabei por me rir ao abrir o armário. — Olivia? Amanhã há corrida, não te esqueças. — Foi o suficiente para ter de respirar fundo e ficar, por alguns segundos, a observar a mala de primeiros socorros que segurava na mão.

Regressei ao espaço comum da casa, deparando-me com o James deitado na cama. De braços no ar, fazia figuras com os dedos que refletiam na sombra do teto. *Isto está mesmo a acontecer?*

— Vamos tratar dessas mãos. — Baixou os braços e, depois de me sentar ao pé dele, olhou-me. — Ainda não te lembras do que se passou? — Comecei por lhe desinfetar as feridas, percebendo que lhe estava a doer, mesmo que ele não se manifestasse.

— Andei à porrada com o meu pai — respondeu, deixando-me sem palavras. A crueza com que falou, fez-me ter a certeza de que não era mentira. — E a minha avó decidiu meter-se no meio. Eu aleijei-a, Olivia. — *Aquilo são... lágrimas!?* — Olivia. — De cada vez que dizia o meu nome, parecia que o fazia quase como uma necessidade. Sentia que o fazia como se me estivesse, sempre, a reivindicar de alguma forma.

— Eu aleijei a minha avó e ela foi para o hospital. — Ele olhava-me e eu percebi que tinha deixado de cuidar das suas feridas. Voltei a olhar para as mãos do James, surpreendendo-me com o seu rosto a encostar-se ao meu. — Eu aleijei a minha avó — sussurrou-me ao ouvido, intensificando o choro.

— James... — Não sabia o que lhe dizer, muito menos como agir perante a situação. Colocou a mão que eu já não estava a tratar na minha cintura, puxando-me com ele. Deitou-se, e a minha cabeça caiu sobre o seu peito. A sua respiração estava demasiado alterada e, honestamente, não conseguia imaginar o que poderia estar a sentir naquele momento.

Não demorou para que começasse a ouvir a sua respiração mais pesada e, olhando-o, percebi que adormecera. Foi a minha oportunidade de sair da cama e guardar tudo na casa de banho. Se, até há pouco, sabia que não ia adormecer, agora tinha a certeza de que não ia mesmo dormir nada. Sentei-me no sofá em frente da cama, ficando a olhá-lo. Havia uma serenidade que residia nele que, de certa forma, me tranquilizava.

Agarrei numa manta, levantei-me e tapei-o. Mexeu-se, virando-se de lado, em posição fetal. Suspirei, voltando a sentar-me no sofá. Fiquei a olhá-lo sob a claridade da lua que entrava pela janela. Talvez tenha sido a única coisa que me conseguiu tranquilizar.